

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIAS
30 de maio de 2023

SUPER NATURAL / 2022

um filme de Jorge Jácome

Realização: Jorge Jácome / **Argumento:** André e. Teodósio, Jorge Jácome, José Maria Vieira Mendes / **Fotografia:** Marta Simões / **Som:** Shugo Tekina, António Porém Pires / **Montagem:** Jorge Jácome / **Elenco:** Alexis Fernandes, Bárbara Matos, Bernardo Graça, Celestine Ngantonga Ndzana, Diogo Freitas, Isabel Gomes Teixeira, Joana Caetano, Maria João Pereira, Mariana Tembe, Milton Branco.

Produção: Pandora da Cunha Telles, Pablo Iraola – Ukbar Filmes; Daniela Ribeiro – Teatro Praga / **Co-Produção:** Henrique Amoedo – Dançando com a Diferença / **Cópia:** dcp, cores, legendado em português, 85 minutos / **Estreia Mundial:** 11 de fevereiro de 2022 (secção Forum da Berlinale) / Primeira apresentação na Cinemateca.

Com a presença de Jorge Jácome

Super Natural é um filme que resulta da minha colaboração com as companhias Dançando com a Diferença e Teatro Praga.

Fundada em 2001 e sediada na Ilha da Madeira, a Companhia Dançando com a Diferença, que desenvolve o seu trabalho aliando pessoas com e sem deficiências na criação de objetos artístico, lançou um convite ao Teatro Praga, estrutura fundada em 1995 com trabalho diversificado na área da performance, curadoria, edição e ensino, e a mim próprio, para uma nova criação com a sua equipa artística. O modelo de colaboração implicou um tempo para um convívio e uma convivência que se fez não só do encontro entre pessoas mas também do reconhecimento do seu meio, tanto o meio familiar como o geográfico que a ilha da Madeira representa.

Depois de um período de três semanas em que conhecemos os intérpretes e nos demos a conhecer, partilhando linguagens e procurando pontes para a comunicação, regresssei à ilha, já em período pandémico, para filmar, sabendo nessa altura que queríamos um filme que pudesse replicar uma viagem que contemplasse tanto os primórdios do aparecimento da humanidade como o futuro incerto do planeta.

A viagem narrada é longa mas simples. Tudo surge da água, das plantas e do oxigénio, de onde saem outros seres que se vão multiplicando e desenvolvendo segundo variados critérios de desejo: de padrões no pêlo, à cor das unhas. Durante o desenvolvimento narrativo de **Super Natural**, e do qual os espectadores fazem parte, **Super Natural** apoia-se na experimentalidade do próprio ato de existir. E assim a cidade de betão mistura-se com a ilha, a comida com os estômagos ou as constelações com a forma de apreender o céu. Tudo desencadeia tudo e tudo se funde numa sensorialidade máxima potenciada por cores, paisagens e sonoridades.

Super Natural revela-nos assim que o natural, seja de um corpo ou de um objeto, é sempre mais complexo do que aparenta ser. A matriz de pensamento de **Super Natural** evidencia conceitos como “inclusão” e “diferença”, preferindo novos procedimentos laborais e procurando visibilizar outras historiografias sobre o processo de humanização, cruzando física quântica com neurologia, biofísica, engenharia e poesia.

Rodado numa Ilha ainda habitada por biologia que sobreviveu à Idade do Gelo e por uma flora que resulta de uma convivência entre espécies endógenas e a presença humana, migrações várias e transeuntes que a atravessaram e atravessam, as imagens foram-se construindo a partir do cruzamento entre uma paisagem e a sua ocupação pelos corpos dos intérpretes da companhia Dançando com a Diferença, como se folheássemos um álbum de retratos. Recorrendo muitas vezes à improvisação dos intérpretes em locais tão diversos como uma piscina natural, um jacuzzi, um jardim, um viveiro de orquídeas, a cama de suas casas, um teleférico ou um SPA, **Super Natural** procura também colocar o espectador em confronto direto com a multiplicidade do “natural”.

Super Natural foi desde cedo pensado como um filme performativo, na medida em que simula uma relação com o que lhe é exterior, procurando e interferindo com o que está à sua frente para que ele próprio consiga sair de si.

Por isso **Super Natural** começa por agradecer a presença do espectador que o vê. O seu início faz-se de uma interpelação que é uma vontade de ver a sua sala, de ver quem o vê. Quando a voz e a luz se instalam na tela, no ecrã que é também espelho, começa uma viagem, em capítulos ou etapas, por lugares figurativos captados de muitas formas: câmaras de vigilância, telemóveis, película, cassetes-de-vídeo.

Estes diferentes suportes são também guiados por um som muito presente ao longo de todo o filme e que pretende transportá-lo para uma experiência que seja também física, inspirando-se em atmosferas de meditação, que vão intensificando essa relação entre filme e espectador, na procura de uma osmose que é ela própria uma afirmação sobre a existência e ontologia fílmica.

Super Natural propõe um mundo em que um intérprete é um ser humano como também é uma sereia, um maracujá ou um gato, guiando o espectador na viagem da vida e partilhando contextos, geografias, curiosidades históricas, telediscos, confissões e momentos de humor, de forma a contribuir para um estar-junto que confunde olhares, ficção e real, drones e pássaros, robôs e aranhas.

E assim, as vidas retratadas, à boleia do passar do tempo registado no filme, vão-se tornando cada vez mais diversas, tão diversas como os seus intérpretes.

Super Natural é isso, não parar. Ter no movimento e na sua continuidade um superpoder. **Super Natural** é uma ode a todas as forças de vida.

Jorge Jácome